

A gestão ativa de fundos de ações existe no Brasil há mais de 50 anos. Atraídos por retornos historicamente altos em prazos longos, investidores direcionam parte de seus investimentos a esses fundos pois a escolha de ações de boas empresas para montar um portfólio costuma resultar em rentabilidades atraentes. Assim, equipes de analistas estudam e avaliam empresas, em geral brasileiras, e os gestores montam carteiras com suas ações. Essa atividade se sofisticou bastante ao longo desse tempo. Evoluíram os produtos, a regulamentação e os gestores. Já o ambiente de negócios no país, nem tanto. Continuamos a enfrentar os velhos desafios estruturais, instabilidades regulatórias e volatilidade econômica.

Em dez anos, o Ibovespa subiu 169%. Nesse mesmo período, o real se desvalorizou em 54%. Assim, em dólares, o Ibovespa se valorizou apenas 23% em dez anos, o que dá um rendimento de apenas 2,1% ao ano; inferior até a inflação americana, de 3,0% anuais nesse período. Isso significa que o valor criado pelas empresas listadas no Brasil foi fortemente corroído pela desvalorização da nossa moeda, ou seja, as incertezas do ambiente de negócios e seu reflexo no câmbio acabaram por neutralizar o valor gerado por essas empresas.

Essa dinâmica tem levado gestores a buscar alternativas que ofereçam retornos mais previsíveis, consistentes e mais altos. Esses são encontrados com maior frequência e maior abundância em ações de empresas estrangeiras, especialmente aquelas que são sediadas em países com moeda forte e que desfrutam de um ambiente econômico e institucional mais propício para o sucesso empresarial. É lá que aparecem os modelos de negócio inovadores com alto potencial de crescimento e conseqüente valorização. Empresas de qualidade são muito mais numerosas nesses mercados e suas ações têm mais liquidez.

Está ficando claro que, tendo apenas aproximadamente 1% da capitalização do mercado mundial, não é razoável esperar que as maiores oportunidades de investimentos ao alcance dos brasileiros estejam exclusivamente no mercado local.

Como consequência observamos um movimento em direção a esses ativos ao longo da última década e, especialmente, nos últimos cinco anos. Há dez anos, os oito maiores fundos de ações de gestores independentes, que gerem mais de R\$45 bilhões, tinham apenas 4,9% de seu

patrimônio, em média, investidos em ações estrangeiras. Hoje, esse percentual é de 20,2%, chegando 33,1% no maior deles. Mescla-se em um único portfólio ações brasileiras e estrangeiras em fundos cada vez mais híbridos. Ainda que se busque um retorno mais atraente para o cotista, é difícil saber se esse movimento é de total conhecimento dos investidores e se, por consequência, o equilíbrio do portfólio está sendo mantido.

Isso porque a criação destes fundos “híbridos” faz surgir algumas questões que devem ter a atenção do investidor. A primeira diz respeito à função, dentro de um determinado portfólio, que o investimento em um fundo híbrido desempenha. Uma estratégia de investimento equilibrada prevê alocação em diversas classes de ativos, denominadas nas moedas que o investidor julga adequadas. Em um fundo híbrido, a proporção entre ativos nacionais e internacionais fica a cargo do gestor, podendo variar substancialmente ao longo do tempo. Ou seja, o controle de parte da composição portfólio é terceirizado, sem que se conheça um critério claro que vá ser seguido na distribuição entre empresas locais e estrangeiras.

Além disso, ao se desviar de um mercado definido e, logo, de um indicador natural de avaliação de desempenho, abre-se a possibilidade de os índices de ações de referência deixarem de refletir com precisão o desempenho de um gestor, o que pode gerar distorções na remuneração deste profissional. Ainda mais, quando não está estabelecida a proporção entre ações de empresas locais e estrangeiras, fica muito difícil aferir a performance relativa frente a um indicador que faça sentido, abrindo espaço para utilização de “benchmarks” genéricos e mais fáceis de serem superados.

É vastíssimo o universo de produtos de investimento à disposição dos brasileiros, o que resulta em flexibilidade para a montagem de uma estratégia que atenda a qualquer situação específica. Mas é fundamental, na escolha daqueles produtos em que vão alocar os recursos, que se saiba exatamente o que se está comprando, garantindo assim que o patrimônio esteja exposto somente aos riscos adequados a cada estratégia. A escolha de gestoras com longo histórico de disciplina, foco e consistência deve resultar numa performance melhor e mais equilibrada do portfólio.

Para conferir o artigo na íntegra, acesse:

https://valor.globo.com/financas/coluna/acoes-locais-globais-ou-fundo-hibrido-o-que-tem-na-carteira.ghtml?utm_source=aplicativoValor&utm_medium=aplicativo&utm_campaign=compar_tilhar

